

POR UMA FORMAÇÃO DE PROFESSORES INCORPORADA
FOR THE EFFECT OF AN INCORPORATED TEACHER TRAINING
PROGRAM
PARA UNA FORMACIÓN DOCENTE INCORPORADA

Adrienne Ogêda¹
adrienne.ogeda@gmail.com

Ana Gouvin²
anagouvin@gmail.com

Camila Del Giudice³
camila.deljudice@hotmail.com

David de Lima⁴
david9.lima.silva@gmail.com

Domenique de Castro Pas Costa⁵
domeniquecastropas@gmail.com

Maria Antônia Sattamini de Souza⁶
uniriomel@gmail.com

RESUMO

Esse texto aborda aspectos da pesquisa-ação desenvolvida sobre as experiências realizadas na disciplina Corpo e Movimento, componente curricular do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A pesquisa tem como objetivo conhecer de que forma se dão as questões da corporeidade dos discentes e como compreendem a relação entre a dimensão corporal e os desafios da docência. As práticas desenvolvidas na referida disciplina têm por objetivo ampliar o autoconhecimento dos participantes acerca de seus corpos, tornando-os mais dispostos não só para perceberem seus próprios corpos, mas serem receptivos e presentes nas suas práticas.

PALAVRAS-CHAVE: FORMAÇÃO DE PROFESSORES; CORPOREIDADE.

1 Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

2 Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

3 Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

4 Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

5 Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

6 Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

ABSTRACT

This text discusses the aspect of a research-action developed from the experiences in the “Body and Movement” discipline, a part of the program within the Pedagogy department of the UFRJ UNIRIO. The research is axed in understanding the dynamics of the teacher’s body and how these perceive the relation between the bodily dimension and the challenges brought by teaching. The exercises developed in the aforementioned discipline have the goal of broadening the self-awareness of its participants in relation to their bodies, engaging their availability not only towards the perception of their own bodies, but with their presence and practices as well.

KEY WORDS: TEACHER TREATNING, CORPOREITY.

RESUMEN

Este texto discute aspectos de la investigación de acción desarrollada sobre las experiencias en la disciplina cuerpo y movimiento, componente curricular del Curso de Pedagogía de la Universidad Federal del estado de Río de Janeiro (UNIRIO). El objetivo de esta investigación es saber cómo se dan las cuestiones de corporeidad de los estudiantes y cómo comprenden la relación entre la dimensión corporal y los desafíos de la enseñanza. Las prácticas desarrolladas en la mencionada disciplina pretenden ampliar el autoconocimiento de los participantes sobre sus cuerpos, haciéndolos más dispuestos no sólo a percibir sus propios cuerpos, sino a ser receptivos y presentes en sus prácticas.

PALABRAS CLAVE: FORMACIÓN DOCENTE; CORPOREIDAD.

A TRADIÇÃO ILUMINISTA-CONCEITUAL DE EDUCAÇÃO, O MODELO CORPO-MÁQUINA E O CORPO DOCILIZADO: DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Como estão presentes as expressões do corpo no cotidiano das escolas e espaços formativos? Que espaços e visibilidade ocupam nas instituições e em suas práticas? Esse artigo parte dessas indagações como propulsoras de nossos estudos e pesquisas. Para tanto, cabe iniciar colocando em cena a concepção de educação que correntemente tem obscurecido a dimensão corporal dos cotidianos educativos. Partimos da crítica a respeito da tradição iluminista-conceitual de educação defendida por Pereira e Bonfim (2006) como processo sociocultural da sociedade ocidental, que tem como objetivo desvalorizar as diversas formas de saberes na escola, desconsiderando toda a multiplicidade de expressões e percepções da mente-corpo. Dessa maneira, essa concepção acentua uma importância maior aos aspectos

auditivos e visuais para a aprendizagem, marginalizando as questões corporais presentes no dia a dia em Instituições Educacionais.

Compreendemos que algumas pedagogias privilegiam a racionalidade e a transmissão de conteúdos de forma bancária (FREIRE, 1989), sem considerar a troca de conhecimentos ou o indivíduo participativo, levando o conteúdo de forma quadrada e sistemática e tirando o foco da liberdade individual. Contudo, existem outras práticas pedagógicas que se empenham na quebra deste conceito. São por estas que buscamos nos orientar. Para isso, faz-se necessário explicitar as concepções de corpo trazidas por essa tradição iluminista-conceitual, que considera o corpo como inerte e coloca em segundo plano ou silencia toda a sua expressividade. Essa linha de pensamento imposta em algumas instituições educativas, direciona que o educando – principalmente as crianças – desenvolva progressivamente uma menor ligação com o seu corpo e construa assim um aprendizado mecanicista.

Esse adestramento é capaz de docilizar os corpos inquietos das salas de aula fazendo com que eles absorvam as regras – que por sua vez têm suas utilidades justificadas – disciplinando o corpo com técnicas de organização do espaço e de controle do tempo. O exercício da disciplina supõe dispositivos que obriguem o indivíduo a adquirirem determinado comportamento. O “jogo do olhar” é um exemplo de técnica que opera a partir da indução mediante efeitos de poder. Esse poder disciplinar almeja o “adestramento”, pois assim não só exerce influência sobre o outro como também consegue manipulá-lo, subjugar-lo, apropriando-se cada vez mais e melhor.

Segundo Foucault (2014, p. 167) “a disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício”. Na linha de pensamento Foucaultiana, o sujeito é produto das interações, produzido na ação e no discurso, não existindo *a priori* nenhum conceito de formação pessoal. Dessa maneira, o sujeito se constrói a partir do olhar do outro, resignificando a relação de pertencimento social e formação pessoal. Continuando nessa linha de pensamento, destaca-se, também, a interação de Biopoder (FOUCAULT, 1979). Ela é uma forma de poder que se manifesta em relação à população e legitima a submissão de pessoas sob um regime. Vivencia-se, assim, uma educação eurocentralizada, onde os corpos não protagonizam um lugar de maior importância e sim assumem um espaço de imobilização.

Sendo assim, esta concepção se apoia na ideia de que os corpos fiquem cada vez mais dóceis e não manifestem toda a expressividade e a sensibilidade que possuem, ou, como explicita Foucault (2014, p. 135-136), “a disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência).” Com os corpos sendo silenciados desde cedo

na família, na sociedade e ao longo da vida escolar, a preocupação com ele e com suas possibilidades expressivas torna-se desinteressante. Com isso, as exigências e necessidades do corpo são desconsideradas, seja por conta do estresse do dia a dia ou pela falta de tempo, como verificamos em nossa pesquisa.

Consideramos que para situar e trabalhar as questões corporais em sala de aula é necessário que os professores possuam uma escuta sensível do próprio corpo. Para isso, em nosso trabalho de pesquisa, fazemos uma crítica a esse modelo corpo-máquina, conceito mecanicista abordado por Descartes que trata sobre o corpo inexpressivo, que não pode ser movido independentemente, mas subordinado a um fator externo (FALABRETTI e MURTA, 2015). Ou seja, os movimentos corporais são apenas sequelas de um corpo que produz. Além disso, esse modelo entende o controle corporal como um modo de adestrar e calar o corpo humano, o que, por sua vez, produz a crença de que a vida psíquica interior dos sujeitos só é capaz de surgir sob coação de um disciplinamento corporal gradualmente intensivo. É o que podemos chamar de genealogia da alma moderna, fundamentada na história dos métodos de controle.

Para investigar esse tema, nossa pesquisa toma como foco o acompanhamento das turmas de Corpo e Movimento, disciplina realizada no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). A disciplina – que começou a ser ministrada no turno vespertino a partir do segundo semestre de 2014 – é ofertada prioritariamente aos estudantes do 8º período e tem por objetivo desafiar uma escuta sensível do corpo e elaborar novas práticas pedagógicas que não dicotomizem corpo/mente.

Por meio de uma pesquisa-participante de abordagens quali-quantitativas – com o início no segundo semestre de 2014 e em curso até o momento –, objetivamos compreender quais os impactos das experiências corporais vividas na disciplina, para os estudantes que dela participaram. Dessa forma, reflexões e articulações entre corporeidade e docência foram mobilizadas. Um dos instrumentos metodológicos eram os registros semanais e o outro um questionário aplicado ao final do semestre, que incluía perguntas objetivas e subjetivas – com o intuito de obtermos respostas mais detalhadas. O olhar para esse material nos forneceu os dados que embasam essa pesquisa. Temos material de pesquisa de quatro anos de trabalho e estamos na etapa de processar, organizar e analisar os dados. Por isso, neste trabalho estamos atendo apenas às informações dos questionários, referentes à turma do segundo semestre de 2014.

METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS E DESAFIOS DOCENTES

Os questionários respondidos pelos estudantes ao longo do semestre forneceram pistas para nossa pesquisa sobre a formação de professores e o entendimento do que seria a corporeidade. Como explicita Pereira e Bonfim:

Temos como corporeidade a expressão de totalidade do ser humano enquanto vivo, parte da criação e da natureza, em que corpo, razão, emoções, sensações e sentimentos encontram-se em sintonia. Esse conceito surgiu para apresentar o sujeito como unidade complexa. De acordo com Assmann: a Corporeidade pretende expressar um conceito pós-dualista do organismo vivo. Tenta superar as polarizações semânticas contrapostas (corpo/alma; matéria/espírito; cérebro/mente). (PEREIRA; BONFIM, 2006, p. 45):

Dessa maneira, o grupo de pesquisa analisou as respostas buscando compreender as relações do corpo dos estudantes com a vida e de que forma essas relações podem interferir nas práticas educativas. Os resultados analisados revelaram reflexões significativas acerca da formação dos estudantes de Pedagogia sobre: como eles se relacionam com os corpos; se essa relação revela-se amigável ou desgastante; como os estudantes habitam os próprios corpos; esse sentimento de estar presente no próprio corpo é um sentimento de descoberta ou um sentimento conflituoso? Diante destas questões, o grupo de pesquisa buscou analisar a formação dos professores, a partir da ótica de como esses estudantes, que estão ou futuramente estarão nas salas de aula, compreendem o corpo e o percebem em seus cotidianos.

A disciplina Corpo e Movimento, no segundo semestre em 2014, era composta por cinquenta estudantes que cursavam majoritariamente o 8º período. Como nosso intuito era compreender as relações corporais dos participantes e suas especificidades, foi elaborado um questionário com três perguntas subjetivas: Qual a minha relação com o meu corpo hoje? Como habito o meu corpo? O que eu desejo para o meu corpo daqui para a frente? (após a disciplina). A partir destes questionamentos, buscamos compreender como se encontra a corporeidade daquele grupo de estudantes do curso de Pedagogia da UNIRIO.

A partir da primeira pergunta – **Qual a minha relação com o meu corpo hoje?** –, buscamos questionar a relação dos estudantes com os seus próprios corpos após a disciplina, indagando-os sobre a escuta sensível do corpo. Outra questão que buscamos investigar foi a respeito da dicotomia corpo/mente que se faz presente na falta de identificação dos seus próprios corpos, no sentido de que imaginávamos a possibilidade de os estudantes tenderem a não compreenderem o corpo como parte integrante de sua subjetividade e vice-versa. Dessa forma várias descobertas foram sendo feitas ao longo da disciplina por parte dos discentes, que durante o processo

foram se percebendo melhor e se redescobrimo neste corpo que há muito havia sido calado. Agora eles podiam de alguma maneira experienciar uma nova forma de aprendizado e tentar, assim, aprender a decifrar a linguagem corporal que muito nos diz e que, ao longo da vida e da domesticação dos corpos, deixamos de compreender. Ademais, mesmo corpos amansados nos dizem algo. A não ação muitas vezes grita e essa aproximação do futuro docente com o reconhecimento de seus corpos possibilita revelar o quanto negligenciamos a linguagem corporal como um todo, pois, na disciplina, abordamos práticas corporais de forma ampla e evidenciamos a linguagem corporal como a primeira forma de linguagem nas crianças, dando os parâmetros necessários para a relação com o outro.

Portanto, não se distanciar destas linguagens é primordial para uma educação rica e plena, pois estas experiências promovem um amplo conhecimento de si mesmo, do outro e de mundo. Ela faz expandir o sensível, o sensorial, aguça linguagens corporais que possibilitam a essência da individualidade e um maior respeito aos ritmos de aprendizagem da criança. É a linguagem corporal que de fato possibilita que a criança expresse suas emoções de forma espontânea, creditando no seu íntimo um maior aprimoramento de suas potencialidades, bem como sua expressão em termos de espaço. Neste sentido, a disciplina “Corpo e Movimento” surge como uma maneira de aproximação e familiarização com essa linguagem corporal no reconhecimento de seus corpos, tendo como objetivo promover a exploração de espaços físicos, possibilitando a emancipação do sensível, aumentando a própria percepção e de como esta comunicação gestual, de todo corpo, amplia a criatividade e o aprendizado.

Assim, trazemos a questão da identidade na corporeidade para a esfera educacional, destacando a trajetória deste discente enquanto detentor de seu corpo em sua prática futura, fazendo-o perceber a importância de uma linguagem corporal natural. O futuro docente começa assim a compreender que sua linguagem corporal vai influenciar no aprendizado de suas crianças, que imitarão seus gestos e farão uma interpretação muito particular daquilo que elas observarem.

Um corpo precisa estar sempre vivo, interagindo com o mundo, se comunicando, experienciando e refletindo suas sensações no terreno fértil das criações. São os diversos olhares e trocas que promoverão uma melhor percepção de mundo e do outro; percepção esta que vai originar as experiências que o corpo vivenciar. Quando compreendemos a linguagem corporal, dialogamos melhor com nossas sensações e potencializamos, assim, linguagens corporais esquecidas, em nós e nos outros. O corpo agrega diversos significados e nele tudo é transformado, os movimentos nunca serão repetidos e, quando ampliamos estes sentidos, criamos identidades motoras que sempre se renovarão, saindo da mesmice dos corpos domesticados.

Com a segunda pergunta – **Como habito o meu corpo?** –, o grupo de pesquisa buscava analisar as percepções dos participantes sobre suas presenças nos seus corpos, isto é, que tipo de cuidados eles tinham, quais eram os hábitos do dia a dia e que medidas eles tomavam para favorecer a prática corporal. Somos um organismo complexo. Somos seres sociais, culturais, biológicos, mentais e históricos e é na infância que os conceitos que carregamos para a vida começam a se organizar. Nesse sentido, torna-se primordial questionarmos a estes discentes – durante seu aprendizado na prática de atividades corporais que tenta aproximá-los de seus corpos – como hoje eles se enxergam habitando-os.

Sabemos que o corpo do educador vai reverberar suas sensações em todas as suas práticas pedagógicas. Por esse motivo, interessa-nos investigar sobre como esse futuro educador se percebe agora; como se reconhece nesse corpo que realiza; como irá se comportar com tudo o que foi aprendido sobre essa primeira morada, que é o corpo; como, no auxílio da construção do conhecimento das crianças, possibilitará que estes corpos possam estar sempre ativos já que, a partir da disciplina, ele tem meios de ser narrador de suas próprias escolhas, assim como um facilitador de tais experiências. Saber que o corpo é terreno abundante de força e de mudança, de criação e sensação, permite reconhecer e aprender com a história que ficará marcada neste corpo que muito nos fala. Entender que o próprio corpo nos conduz no mundo, nos tirando da submissão histórica que o atravessa e o reduz a um corpo submisso. Por isso que quando – na disciplina de Corpo e Movimento – vemos os estudantes se surpreenderem com as redescobertas de seu corpo, sabemos que eles começam ali a entender que o sensível emana deste corpo, pois o corpo não é uma máquina a ser manipulada e/ou guiada pelas várias estruturas maçantes que o limitam e regem, mas sim um agregador de sentimentos e movimentos que o aproximam do mundo por meio dele próprio, porque o corpo deve ser sentido, explorado, permitido, vivenciado, exibido em todas as suas práticas corporais, em coreografias únicas que intensificarão essa consciência de si mesmo.

Já com a terceira pergunta – **O que eu desejo para o meu corpo daqui para frente?** – tínhamos como objetivo verificar como a disciplina afetou os estudantes, seja em suas vidas pessoais ou em suas práticas pedagógicas. Buscamos, também, interpretar de que maneira eles possam ter mudado suas concepções a respeito das suas próprias relações corporais. Pois o corpo é aquele que nos informa sobre a identidade de cada indivíduo. Ele nos diz para além do que vemos quando compreendemos sua linguagem e esta linguagem pode ser reprogramada à medida que vamos trabalhando e libertando nossos corpos dos moldes em que somos colocados ao longo da vida. Mas, para haver uma comunicação corporal que possibilite identificar essa linguagem e seus propósitos, necessitamos saber nos relacionar com

nosso corpo, para só depois obtermos uma relação verdadeira entre os sujeitos, em plenitude com suas demandas e linguagens corporais de sentidos e sensações.

Dessa maneira e na observância dos corpos no mundo, tentamos promover práticas que façam desencadear as mais diversas impressões, buscando atividades que nos conduzam a uma entrega e reconexão com nosso corpo em ambientes prazerosos e de liberdade. Acreditamos que isso possibilita a esses futuros educadores a sensibilidade necessária para que eles conduzam os estudantes com os quais vão trabalhar, em atividades que contribuam na composição corporal e subjetiva de cada um deles.

A criança absorve tudo que lhe é apresentado e personifica tudo que lhe é transmitido. Nesse sentido, e sabendo que a infância é o período em que se dá a constituição dos seres, procuramos ofertar na disciplina uma diversidade na relação que os discentes de pedagogia têm com seus corpos, possibilitando, no decorrer de sua interação com colegas e professores, uma internalização perene, demonstrando assim a importância do corpo na aprendizagem e na vida da criança, sobretudo na primeira infância.

As expressões corporais promovem diversas interações sociais e isso para criança é de suma importância. Nesse sentido, entender que o ser humano herda vários costumes e práticas através dos corpos e que essas práticas os distinguem uns dos outros, diferenciando algumas culturas e/ou identificando outras, é muito importante para o futuro da prática pedagógica no que diz respeito à corporeidade e ao cuidado que estamos tendo com nosso corpo, de como estamos lidando com essa linguagem tão particular que precisa estar sempre sendo cuidada em suas práticas para que assim não caia na mesmice de se calar, pois todo gesto é uma expressão que, intencionalmente ou não, estará sempre nos revelando alguma coisa.

Portanto, quando deslocamos as expressões corporais para a sala de aula, focando no corpo do professor e em todos os seus gestos, é que percebemos o quanto ele pode influenciar condutas, desconstruir modos, criar novos modelos e induzir a práticas diferentes das costumeiras. Cada fala e principalmente cada expressão corporal que o professor tem em sala de aula, determina novas narrativas na vida de seus alunos, dependendo da troca que houver entre eles. Cada movimento corporal é uma gíngua, uma dança que deve ser reconhecida em sua íntegra pelo futuro docente. Para isso, ele deve se reconectar ao seu corpo, estar atento a ele e cuidar do mesmo, pois a criança não deve ser tratada como mera expectadora e, sim, como alguém que verá sempre algum sentido nas expressões corporais daquele professor e as tomará como verdade, dando a elas alguma significação, mesmo em gestos não pontuais.

Sendo assim, as atividades propostas aos discentes de Pedagogia, nesta disciplina, permitem a eles entenderem que, mesmo ao término da faculdade, eles

podem continuar com tais práticas, pois assim seu trabalho como professor terá mais qualidade em todas as suas aplicações corporais e respectivas linguagens. Uma leitura de mundo mais ampliada e diversificada, extensa, no que diz respeito à própria corporeidade. Saber que tudo que o discente estiver observando no professor, enquanto um influenciador natural, que seus gestos e expressões corpóreas atuaram diretamente na subjetividade de seu comportamento, é primordial para um tratamento mais cuidado e respeitoso com sua própria linguagem corporal e com seu corpo como um todo. É essencial que ao sair da faculdade o futuro docente tenha essa consciência e possa, de alguma forma, mesmo em meio a tantas dificuldades diárias, cuidar e olhar para seu corpo com mais apreço e cuidado para que não fique só na narrativa e vá de fato para a prática.

O questionário foi entregue impresso no último dia de aula da disciplina de Corpo e Movimento, e foi solicitado aos estudantes que o respondessem ainda naquele encontro. Dessa maneira, tínhamos todo o material em formato físico, que posteriormente foi digitalizado por completo. Aqui vale ressaltar que esta foi a primeira tentativa de elaboração de questionário nesta disciplina, sendo, também, a primeira turma onde foi aplicado. Através do material coletado iniciamos um trabalho de leitura e categorização das respostas. Optamos por não escolher as categorias antes da leitura do material para não condicionarmos nosso olhar sobre a pesquisa, permitindo, assim, que as próprias respostas nos levassem a novos questionamentos. Além disso, essa metodologia também nos possibilitou novas sensibilidades no que tange à formação do estudante de Pedagogia, o que nada mais é do que ser coerente com a nossa própria motivação de sensibilizar a corporeidade presente no cotidiano.

ANÁLISE DOS DADOS

Pergunta 1: **Qual a minha relação com meu corpo hoje?**

Após a leitura do material estabelecemos alguns aspectos/categorias para organizar o conjunto de materiais e possibilitar refletir sobre seus sentidos. Nesse quesito pensamos em: “Boa relação”; “De descoberta/Autoconhecimento”; “Desejo de atenção”; “Conflituosa”; “Desgaste do corpo”; e “Não souberam ou não responderam”. Para exemplificar a nossa escolha pelas categorias na tabulação dos dados, selecionamos algumas das respostas dos estudantes com o intuito de explicitar quais foram os aspectos que mais nos sensibilizaram:

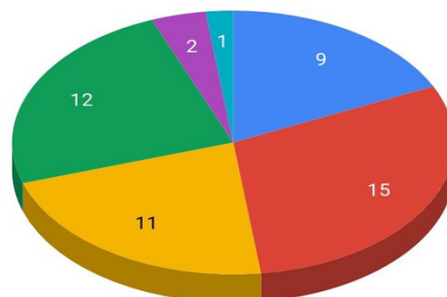
1. Boa relação: “É a minha relação com a vida! Afinal é com ele que vivo, sem ele o que seria? Pelo corpo o “espírito” sente, é a soma e demonstra. Com o corpo vivemos, nos movimentamos, trabalhamos, cuidamos de nós e dos outros (...)”. (Estudante A.)

2. Descoberta/autoconhecimento: “Hoje me sinto como se nunca tivesse prestado atenção em mim, as aulas da disciplina corpo e movimento têm me ajudado a perceber o quanto é importante cuidar do corpo. Passei a prestar atenção no outro como prática diária e está sendo enriquecedor”. (Estudante B.)
3. Desejo de atenção do corpo: “Sinto meu corpo tenso, limitado, “controlado”, um pouco desgastado da correria do “dia a dia”; sem tempo para mim ou cuidar de mim ou senti-lo. Gostaria de ter mais tempo para me dedicar a mim e ao meu corpo, ou que a velocidade das coisas sejam mais lentas, menos corridas para poder relaxar e me dar um descanso”. (Estudante C.)
4. Conflituosas: “Minha relação com meu corpo é péssima! Estou acima do peso ideal e do idealizado, tenho problemas psicológicos que agravam essa relação e por descontar meus descontentamentos e frustrações em má alimentação só piora a nossa relação”. (Estudante D.)
5. Desgaste com o corpo: “Minha relação com meu corpo tem sido TRABALHO. Trabalho com crianças, no cuidado com elas, e com as necessidades de tempo e espaço delas no ambiente que trabalho”. (Estudante E.)
6. Não souberam ou não opinaram.

Dessa maneira, contabilizamos os estudantes de acordo com essas categorias dentro de um universo de 50 indivíduos, onde 49 deles responderam à pergunta “Qual a minha relação com meu corpo hoje?” e apenas uma pessoa não respondeu, o que ficou categorizado como “Não souberam ou não opinaram”. O resultado pode ser observado no gráfico abaixo:

Gráfico 1: QUAL A MINHA RELAÇÃO COM MEU CORPO HOJE?

- "Boas"
- "Descoberta e/ou auto conhecimento"
- "Desejo de atenção do corpo"
- "Conflituosas"
- "Desgate com o corpo"
- "NÃO SOUBERAM OU NÃO OPINARAM"



Pergunta 2: **Como habito meu corpo?**

A segunda pergunta do questionário destinado aos participantes da disciplina indagava como os estudantes habitam seus corpos, buscando saber se existiam cuidados com o corpo e quais seriam, a fim de que ficassem explícitas as percepções

que eles têm sobre os próprios corpos. Novamente fizemos a leitura das respostas e, a partir delas, encontramos as categorias de análises: “Sentimento de autoconhecimento do corpo”; “Sentimento de tentativa de diálogo com o corpo”; “Sentimento de satisfação com o corpo/cuidado”; “Não souberam ou não responderam”.

Ficou nítido como o corpo está distante dos futuros professores. Quando questionados sobre como habitam seus próprios corpos, as respostas deixaram explícito que ao longo da disciplina, os participantes vão se encontrando e tentando um diálogo com a corporeidade e com uma escuta sensível com o corpo.

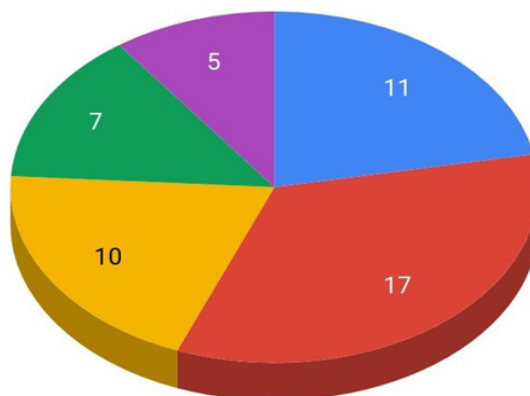
Para exemplificar a nossa escolha pelas categorias na tabulação dos dados, selecionamos algumas das respostas dos estudantes com o intuito de explicitar quais foram os aspectos que mais nos sensibilizaram:

1. Sentimento de autoconhecimento: “Atualmente eu tenho habitado meu corpo (ênfase no MEU porque eu faço parte dele) de forma completa, tendo noção de que existem várias partes dele que podem e devem ser trabalhadas para uma melhora não somente no aspecto físico, assim como também no aspecto intelectual e até mesmo espiritual (paz interior)”. (Estudante F.)
2. Sentimento de tentativa de diálogo: “As minhas expectativas são para que eu me encontre dentro de mim mesma, me movimente mais, mova meu corpo, trabalhe em prol da minha saúde, exercitando e melhorando minha relação com ele”. (Estudante G.)
3. Sentimento de satisfação: “Procuro habitar meu corpo sempre que posso. Antes de praticar Yoga não tinha essa percepção de que você é um corpo (matéria) e que por dentro existem sentimentos e emoções a todo instante, que existe uma mente, na qual não descansa. Após a prática da Yoga passei a notar mais essas questões. E agora sempre que posso, principalmente antes de dormir, faço essa reflexão”. (Estudante H.)
4. Sentimento de conflito: “Gostaria de sentir leveza e não tanta tensão. Desejo emagrecer, fazer algum exercício em benefício próprio, mas com prazer, chega de obrigação e que ele se sinta melhor, viva melhor”. (Estudante I.)
5. Não souberam ou não opinaram

Dessa maneira, contabilizamos os estudantes de acordo com essas categorias. Dentre 50 pessoas, 36 responderam a essa pergunta, ficando 14 sem resposta. Assim, chegamos ao seguinte resultado:

Gráfico 2: COMO HABITO MEU CORPO?

- Sentimento de Auto conhecimento do corpo
- Sentimento de tentativa de diálogo com o corpo
- Sentimento de satisfação/ cuidado com o corpo
- Não souberam ou não responderam
- Um sentimento de conflito



Pergunta 3: O que desejo para o meu corpo daqui para frente?

Nesta última pergunta, o intuito do grupo foi investigar as respostas dos estudantes e observar se os estudantes fizeram uma releitura do corpo e das práticas pedagógicas após o término da disciplina Corpo e Movimento. Após a leitura das respostas, elaboramos os conceitos usados para categorizá-las, e a partir delas encontramos algumas categorias para análise que são: “Desejo de uma relação corporal saudável e equilibrada”; “Desejo de autopercepção”; “Dissociação corpo-mente”; “Não souberam ou não responderam”.

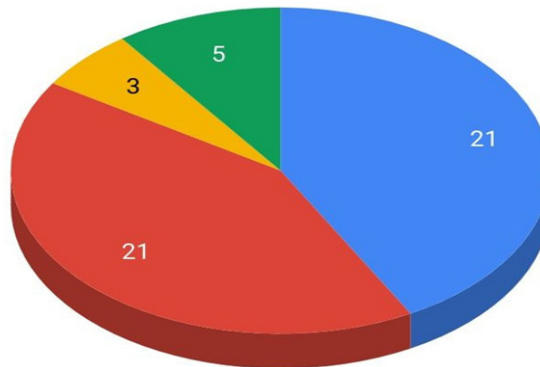
Seguem abaixo algumas respostas para exemplificar os conceitos utilizados:

1. Desejo de uma relação corporal saudável e equilibrada: “Com as aulas pude começar a entender e perceber o quanto é importante nos conscientizar que somos um corpo. Ao enxergar isto a minha relação com o meu corpo passou a ser melhor, mais livre e desejo que isso seja constante”. (Estudante J.)
2. Desejo de autopercepção: “Com amor, fé, felicidade, ansiedade e às vezes tristeza. Não tenho tido todo o tempo e cuidado que merece, mas estou tentando mudar...”. (Estudante L.)
3. Dissociação corpo-mente: “Desejo que ele melhore para me acompanhar durante a vida”. (Estudante M.)
4. Não souberam ou não responderam

Dentre os 50 indivíduos que receberam o questionário, 43 responderam a essa pergunta e 7 a deixaram em branco, entrando na categoria de “Não souberam ou não opinaram”. Chegando assim ao seguinte resultado:

GRÁFICO 3: O que desejo para o meu corpo daqui para frente?

- Desejo de uma relação corporal saudável e equilibrada
- Não souberam, não opinaram ou respostas pouco desenvolvidas
- Desejo de auto-percepção
- Dissociação corpo-mente



CONCLUSÕES/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos questionários, chegamos a algumas conclusões. Sobre a primeira pergunta: “Qual a minha relação com meu corpo hoje?”, dos 50 estudantes que fizeram a disciplina, 18% dos participantes relataram que possuíam uma “boa” relação com seus corpos, 30% dos participantes informaram que ao fazer a disciplina fizeram uma “descoberta e/ou um autoconhecimento” de seus corpos, 22% dos participantes informaram que “desejam uma atenção do corpo”, 24% dos participantes mencionaram que possuem uma relação “conflituosa”, 4% citaram um “desgaste com o corpo” e 2% não souberam ou não responderam à pergunta. A primeira pergunta parece indicar que os estudantes de Pedagogia daquele período não possuíam uma escuta sensível e não compreendiam a corporeidade que apresentam.

Com a segunda pergunta “Como habito meu corpo?”, tentamos compreender como os futuros professores utilizam e tratam os seus corpos. A partir das respostas do questionário contabilizamos que 22% dos estudantes argumentaram que a partir da disciplina começaram a ter um “sentimento de autoconhecimento do corpo”, enquanto 17% dos participantes mencionaram que possuíam um “sentimento de tentativa de diálogo com o corpo”; 20% descreveram um “sentimento de satisfação/cuidado com o corpo” e 10% informaram que possuíam um “sentimento de conflito” com seus corpos, enquanto que 14% não souberam e não responderam.

A última pergunta “O que desejo para o meu corpo daqui para frente?” tinha o objetivo de indagar como, a partir da disciplina, os estudantes pretendiam ter uma nova relação com o corpo, ao mesmo tempo em que eles fizeram uma releitura do que vivenciaram na disciplina durante o semestre. Com essa indagação, 42% dos estudantes responderam um “Desejo de uma relação corporal saudável e equilibrada”,

6% “desejo de autopercepção”, 10% responderam de forma que dissociava o corporemente e 42% não souberam ou não responderam.

Nesta pesquisa vimos como a escuta sensível do corpo e a concepção de corporeidade estão sendo compreendidas na formação de pedagogos na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Os estudantes ainda chegam à universidade carregando toda a concepção histórica iluminista-conceitual. A disciplina se faz necessária na quebra desse conceito, além de fomentar uma concepção de prática pedagógica que visa aflorar as sensibilidades e as corporeidades dos participantes da disciplina Corpo e Movimento.

NOTAS EXPLICATIVAS

Esse artigo é fruto do projeto de pesquisa, ensino e extensão “Corpo, arte e natureza: investigando metodologias de formação de professores” coordenada pela professora doutora Adrienne Ogêda. Conta com apoio dos departamentos de Pesquisa, Ensino e Extensão da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, em forma de concessão de bolsas para estudantes. Gostaríamos de agradecer a mestranda Michelle Dantas pela revisão desse material.

REFERÊNCIAS

FALABRETTI, Ericson Sávio; MURTA, Cláudia. O autômato: entre o corpo máquina e o corpo próprio. **Natureza Humana** (Online), v. 18, 2015, p. 75-92

FOUCAULT, Michel. “Soberania e disciplina”. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 19.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

PEREIRA, Lucia Helena Pena; BONFIM, Patrícia Vieira. A Corporeidade e o Sensível na Formação e Atuação Docente do Pedagogo. **Contexto e Educação**: Editora Unihuf, ano 21, n. 75, jan./jun, 2006.

SOBRE OS AUTORES

ADRIANNE OGÊDA GUEDES. Graduada em Psicologia (UFRJ, 1990), Pedagogia (UCAM, 2009) e Arte Educação (FORMAE, 2018). Especializou-se em Alfabetização na UFRJ (1992), em Educação Infantil na PUC (1997) e em Docência do Ensino Superior na UNIRIO (1999). Fez seu mestrado (2002) e doutorado (2008) em Educação pela Universidade Federal Fluminense, pesquisando as interfaces entre as trajetórias docentes, as políticas de formação de professores e os dilemas da prática. Trabalhou nos últimos 30 anos como professora e coordenadora em Instituições de Educação Infantil, Ensino Fundamental, cursos de graduação de Pedagogia e Especialização em Educação Infantil e Literatura Infanto-Juvenil, bem como em cursos de extensão e programas de formação docente. Atuou também em programas de Educação à Distância, como o CEDERJ e o PROINFANTIL. Atualmente é Professora Adjunta na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, atuando na graduação do curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado /PPGEDU da UNIRIO . É pesquisadora dos grupos de pesquisa FIAR (FIAR - Círculo de estudo e pesquisa de formação de professores, infância e arte) coordenado pela professora Luciana Ostetto, GiTaKa: Grupo de Pesquisa Infâncias, Tradições Ancestrais e Cultura Ambiental coordenado pela professora Léa Tiriba e coordenadora/líder do FRESTAS - Formação e resignificação do educador, saberes, troca, arte e sentidos. Coordena o Subprojeto de Pedagogia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID-2018).

ANA MARIA RODRIGUES GOUVIN. Tem experiência na área de teatro, Artes plásticas e Artes Marciais (capoeira). Licencianda em Pedagogia (UNIRIO). Bolsista de ensino do projeto Corpo e Movimento na formação de professores em 2018.

CAMILA DE ALMEIDA DEL GIUDICE. Licencianda em Pedagogia (UNIRIO). Bolsista de extensão do projeto “Corpo, arte e natureza: investigando metodologias de formação de professores” (UNIRIO) em 2018 e 2019. Pesquisadora do grupo FRESTAS.

DAVID DE LIMA SILVA BEZERRA. Formado em nível médio técnico em formação de professores pelo Colégio Estadual Heitor Lira (C.E.H.L), Licenciando em Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Atuou na educação infantil durante cinco (5) anos na Creche Institucional Dr. Paulo Niemeyer, Bolsista de ensino do projeto Corpo e Movimento na formação de professores em 2018 e 2019, pesquisador do grupo FRESTAS.

DOMENIQUE DE CASTRO PAS COSTA. Licencianda em Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), pesquisadora voluntária do projeto Corpo e Movimento na formação de professores em 2018.

MARIA ANTÔNIA SATTAMINI DE SOUZA. Licencianda em Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Pesquisadora do projeto de ensino Corpo e Movimento na formação de professores em 2019 e integrante do grupo FRESTAS.

RECEBIDO: 21/03/2019.

APROVADO: 29/03/2019.